

## **Oliveira Lima lendo Capistrano de Abreu - renovação de paradigmas e disputa (1903-1904)**

**JÚLIO VELLOZO\***

### **Apresentação**

Os primeiros anos do século XX foram dominados, na historiografia, pela figura de Capistrano de Abreu. O historiador cearense, figura ímpar por seu estilo cortante e fugidio, galgou uma posição dominante no campo, se é que se pode falar em um campo da historiografia já neste momento.

Partindo de visões como a de François Dosse, que considera através de seu conceito de “vidobra” que é impossível se separar a trajetória de um intelectual de sua produção, este trabalho visa identificar o momento no qual o diplomata e historiador Oliveira Lima buscou um lugar ao lado do de Capistrano.

Para isso tentamos flagrar um momento de sua vida – no qual a carreira de diplomata se encontrava obstada pelas polêmicas com Barão Rio Branco e ele tentava se reposicionar no campo intelectual como historiador.

A busca deste posicionamento se deu através de uma demarcação pública, ainda que não completamente aberta, conforme veremos, com Capistrano. Lima tentava demonstrar um fato que enquanto Capistrano de Abreu estava voltado para uma história que talvez hoje chamássemos de estrutural, ele buscava realizar uma reafirmação/renovação da história política.

### **O ocaso do diplomata**

Oliveira Lima era um dos mais promissores membros da diplomacia brasileira. Conhecido por seu alto nível cultural, bastante festejado pelos livros de história que havia publicado até

---

\* Historiador, Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando no programa História Social da Universidade de São Paulo (USP).

o momento, competente na sua atividade de trabalho formava, ao lado do próprio Rio Branco e de Joaquim Nabuco, uma espécie de trinca de ouro do Itamaraty.

O ano de 1903, entretanto, conheceria o início de um longo processo de atritos entre o Lima e o Barão do Rio Branco, seu superior. Neste ano, justamente quando Lima avançava na preparação daquela que seria sua obra mais importante, *Dom João VI no Brasil*, o ministro emitiu um decreto deslocando Oliveira Lima de seu posto no Japão para a legação do Brasil em Lima.

O ato não era nenhum rebaixamento, já que no momento o Brasil negociava com o Peru importantes questões de fronteira, mas Lima considerou a decisão uma afronta ao seu já grande prestígio. Sua vontade era ser deslocado do posto no Japão para a Europa, preferencialmente para Londres, o que sinalizaria uma promoção. Para além disso, era lá que Lima poderia ter acesso aos arquivos que serviriam para que ele ultimar a sua obra.

Em carta para Joaquim Nabuco, à época seu amigo e protetor no Itamaraty, escreveu:

*Não me acusa a consciência de haver feito tanto mal que deva de justiça ser escolhido para correr todas as legações distantes e exóticas. Para o Japão vim com prazer, e no Japão estou com grande prazer. É um país encantador como natureza, um centro importante da política do mundo, um teatro de experiências interessantes. O Peru é, porém, um país morto, um meio por assim dizer nocivo à atividade intelectual. Deve pesar sobre nós com o peso do seu passado, não só colonial como incásico. O Cabo Frio disse-me em 1895, quando fui promovido a 1º secretário para Washington, que 'Peru só na mesa, assado, e para quem gosta'. E eu não gosto (LIMA, 1976: 300, 301).*

O desgosto com a nomeação se ampliaria com o recebimento de um telegrama do Barão, que andava profundamente agastado com a demora de Lima em realizar o trâmite da transferência. O tom de cobrança do texto<sup>2</sup> feriu a sensibilidade Lima e marcaria a abertura

---

<sup>2</sup> O telegrama do Barão que feriu tão gravemente os brios de Lima dizia: “São passados quatro meses não sei ainda quando Vossa Excelência poderá estar no posto que lhe foi assinalado ou se poderá chegar a tempo de intervir nas graves questões pendentes cuja negociação vai brevemente começar com a chegada dos enviados do Peru e Bolívia. Rogo-lhe portanto que me declare pelo telégrafo se o seu estado de saúde ou outras razões não lhe permitem acudir ao apelo do Governo, para que este possa providenciar com urgência expedindo já daqui

de uma guerra que se manteve, ora em baixa, ora em alta intensidade, até a morte do Barão, em 1912.

Oliveira Lima, depois de se demorar de modo provocativo na Europa, chegou ao Rio de Janeiro para aguardar as instruções do ministro antes de seu indesejado deslocamento para Lima. Na capital começou a queimar os navios na diplomacia brasileira, reivindicando uma reforma total da área em textos bastante críticos.

Neles Lima criticou com grande veemência a atividade dos diplomatas brasileiros, sempre mais ocupados com a vida mundana dos salões, recepções e jantares do que em atividades práticas, que redundassem em proveitos para país. Para o intelectual pernambucano, urgia uma reforma que mudasse isso, unificasse as carreiras modernizando-as e transformando os diplomatas em agentes mais concretos dos interesses nacionais, especialmente no que dizia respeito ao comércio. Nas metáforas alinhavava exemplos do que um diplomata não deveria ser. Boa parte deles bem poderia ser aplicada à figura do Barão, conforme demonstrou Paulo Roberto de Almeida (Cf. CARDIM: 1986).

A ação de Lima era bastante radical, já que ele, um subordinado, defendia em tintas muito fortes uma reforma geral baseada em um diagnóstico pessimista da situação da nossa diplomacia de então. O Barão, para punir Lima por todas as suas provocações, desde a demora até os artigos críticos, deixou-o de molho no Rio de Janeiro.

Mal sabia o Barão que o que ele pretendia ser um castigo era na verdade um prêmio. Foram os vagares deste interregno que permitiram a Lima avançar de forma determinante no seu *Dom João VI no Brasil*<sup>3</sup>.

Enquanto sua polêmica com o Rio Branco ia consumindo suas possibilidades de ascensão na carreira diplomática, Lima ia sendo cada vez mais ganho para a ideia de concentrar sua atividade nos estudos históricos. Ao invés dos rapapés da profissão diplomática, que encantavam o mundanismo de Nabuco, mas enfadavam profundamente o seu conterrâneo e

---

outro Ministro e devo prevenir a Vossa Excelência que a não ser essa não terá o Governo tão cedo outra Legação em que possa utilizar seus serviços”

<sup>3</sup> “Não fosse a perseguição que lhe moveu o Barão do Rio Branco, todo poderoso ministro das Relações Exteriores da época, relegando-o aos corredores da Secretaria de Estado, e Oliveira Lima não teria disposto dos vagares para trabalhar no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional e no próprio arquivo do Itamaraty e da legação dos Estados Unidos no Rio. Sem saber, o barão prestava uma grande contribuição à historiografia brasileira” MELLO, Evaldo Cabral de, Folha de São Paulo, 13 de Setembro de 1996.

amigo, Lima pode fazer o que mais gostava: se enfurnar em arquivos para escarafunchar documentos úteis ao seu *Dom João VI* e outras obras posteriores.

O *Elogio a Varnhagen*, discurso de posse de Oliveira Lima na Academia Brasileira de Letras feito neste período nos parece um manifesto público da opção pela história em detrimento à diplomacia. Nele, o diplomata pernambucano compara sua trajetória com a de Varnhagen, também historiador e diplomata, e apresenta a superioridade da primeira atividade em relação à segunda. A posse e o discurso de Lima deram-se em 17 de julho 1903, se estivermos certos, mais ou menos no momento desta inflexão em sua trajetória. Dizia Oliveira Lima:

*Não é maldizer da diplomacia lembrar que, mercê da maravilhosa facilidade de comunicações, do devassamento da vida política pelos jornais, da virtual cessação de todo o sigilo de Estado, da colocação dos cargos públicos ao alcance de todos os cidadãos, não mais permanecendo privilégio de uma casta, de outras circunstâncias ainda, ela deixou de ser uma arte para tornar-se uma profissão. Os diplomatas dependem agora tão de perto e descansam tanto sobre o chefe de sua corporação, gozam assim de tão pouca iniciativa e autonomia, que já foram irreverentemente tratados de meros tocadores de certo instrumento antimusical, que Rossini tinha em horror, e que a gravidade acadêmica me dissuade de mencionar. Pelo contrário, o historiador moderno carece de ser, além de um erudito, um artista; de descobrir, ele próprio, as fontes, analisar-lhes o valor, saber aproveitar o manancial que delas brota, quando ainda livre de impurezas, e arrecadá-lo em vaso do mais puro cristal por ele mesmo facetado (LIMA,1971: 531).*

Ao decidir concentrar-se na atividade de historiador, Oliveira Lima nos parece ter escolhido ocupar um lugar de muito destaque entre os historiadores brasileiros. Esta posição ambicionada, nos parece, foi a de reinar ao lado de Capistrano de Abreu, que era reconhecido por todos como a principal autoridade no assunto naquele momento.

O fato é que Capistrano buscava desvendar as estruturas mais permanentes da história, dando ao acontecimento um peso menor. Somava-se a isso grande talento e erudição e a sua postura aberta, não apriorística. Apesar de influenciado, como todos, diga-se, pelos grandes determinismos vindos do século XIX, Capistrano já refletia em sua obra mudanças de paradigma que se anunciavam – menos confiança nos grandes esquemas interpretativos,

busca de uma história mais monográfica, crença no caráter cumulativo do conhecimento. Devia causar espécie a uma geração impactada pelas certezas naturalistas assistir a um tipo de trabalho que se assemelha ao que hoje chamamos de “paradigma indicário” – a capacidade de perceber um detalhe, uma coisa fora do lugar, uma pista em desarmonia com o todo, e persegui-la, até conseguir derivar dela conclusões importantes (GINZBURG, 1989). Humberto Campos, escritor de percepções muito agudas, dizia que Capistrano tinha “um faro da verdade<sup>4</sup>”.

Oliveira Lima tinha admiração por Capistrano, mas partia de outro método, onde o acontecimento, a história política e, conseqüentemente, o “grau de narrativa” tinham um posto mais alto<sup>5</sup>. E isso não significava que Lima fosse um historiador típico do XIX, pelo contrário, a complexidade da articulação de fatores econômicos, sociais, culturais e políticos em seu Dom João VI, por exemplo, demonstram a emergência, em uma outra chave, do mesmo paradigma moderno que encontramos na obra de Capistrano.

O autor pernambucano começa justo neste momento a falar seguidamente da ausência de uma história mais global que fosse além da de Varnhagen, em uma referência indireta, nos parece, à obra do seu colega cearense. No seu já citado *Elogio a Varnhagen*, diz Oliveira Lima:

*No Brasil, apenas hoje, e graças justamente ao labor indefeso de Varnhagen, há estudos especiais como os de Norberto de Sousa sobre a conjuração mineira, do Dr. José Higino sobre o domínio holandês no norte e do Sr. Lúcio de Azevedo sobre os jesuítas no Grão-Pará, e ao impulso prestado às monografias, dissertações e comparações de documentos pelas associações de que são modelos o Instituto Histórico do Rio de Janeiro e, em menor escala, os Institutos de Pernambuco, Ceará, Bahia, São Paulo, etc., poderá um sincretizador tentar firmar numa vista de conjunto a sua concepção particular do desenvolvimento pátrio [ Grifo Nosso] (LIMA, 1976: 667).*

Falar da necessidade de uma história geral não significa ter qualquer esperança em uma história definitiva – Lima tema mais absoluta clareza que qualquer tentativa mais ambiciosa

---

<sup>4</sup> Devemos a Ângela Castro Gomes a descoberta do brilhante perfil de Capistrano feito por Humberto de Campos. (GOMES, 1996: 93)

<sup>5</sup> Para a ideia de “grau de narrativa” nos baseamos em Peter Burke. (cf. BURKE, 1992: 328-329).

resultaria sempre em uma interpretação, de forte sentido autoral. Ou seja, não está associada à ideia de história geral a noção de uma história definitiva.

É, aliás, a sua descrença na possibilidade de uma história definitiva, de um labor historiográfico científico, que o leva a não considerar necessário esperar indefinidamente por documentos, como se da quantidade destes pudesse emergir uma história absolutamente positiva. Em outro discurso afirma, avançando algumas casas na crítica a Capistrano:

*O Brasil tem, por ora, tido grandes pesquisadores como Varnhagen, mas não possui ainda um grande historiador. Por isso não logra nesse terreno oferecer os marcos da distância percorrida. Frei Vicente do Salvador e o Sr. Capistrano de Abreu parecem-se e juntam-se, mau grado três séculos que os separam, pelo fato de que o último o que procura é averiguar, com o seu grande faro, se o que o primeiro escreveu é autêntico, e fidedigno, e preencher, com o trabalho próprio as deficiências do cronista.*

*Outros serão os que mais tarde, valendo-se das informações do frade e das correções do erudito, edificarão sobre tal base o monumento verdadeiro da história brasileira, decorando-o com os labores primorosos do seu estilo pessoal e sobre ele projetando a luz de uma compreensão geral e profunda dos fatos históricos.*

*Para semelhante resultado nada trará uma maior contribuição do que a extraordinária coleção de papéis públicos e particulares, de monografias, de dissertações, de memórias de peças oficiais, que constitui a Revista do Instituto Histórico (LIMA, 1976: 667).*

No mesmo período avultam as referências negativas por parte de Lima a um tipo de historiador que busca apenas o detalhe, que pinça um aspecto e acaba por gastar em torno a ele todo o seu esforço. Do labor deste tipo de historiador somente poderia resultar material subsidiário, fontes secundárias, matéria-prima bruta. Mais importante do que saber se Oliveira Lima está fustigando Capistrano (e pode ser que esteja), é notar que estava clara ao escritor a necessidade, e talvez possamos dizer a *oportunidade*, de oferecer ao país uma narrativa mais global da formação da nacionalidade. Em suas palavras:

*O Sr. José Veríssimo, que costuma acompanhar com muita perspicácia e fixar com muita finura os cambiantes do pensamento contemporâneo, decerto refletia ao fazer aquela observação, a preferência que muitos recentemente tem ido reconquistando nos espíritos mais cultos a síntese sobre a análise histórica.*

*Taine, com seus “pequenos fatos” a colecionar, deu origem a uma escola exagerada de historiadores de detalhes. Nota-se que o mestre somente as confeccionava para deduções arquitetadas sobre eles, que podiam ser mais ou menos exatas mas eram sempre vistas largas e novas lançadas sobre as aglomerações de sucessos e de pormenores de sucessos.*

*Muitos de seus discípulos e imitadores ficaram infelizmente nos pormenores, ou porque se afogassem na sua massa ou porque não tiveram à mão uma bóia para sobrenadar nesse oceano de fatos. (...)*

*(...) Entre nós, pior do que tudo isso, já se escreveu um folheto histórico para provar, com abundancia de documentos, que o atentado perpetrado contra certo governador colonial não passou de um tiro, quando corretamente se há escrito dois; ainda que não tendo o referido governador morrido do ferimento recebido, uno ou duplo o projétil, parecesse o número de tiros completamente indiferente à musa da história (LIMA, 1976: 670)<sup>6</sup>.*

No *Elogio a Varnhagen*, Lima também fala da história feita com recortes limitados, criticando os que se apoiam em determinados momentos da obra monumental do Visconde de Porto Seguro:

*(...) prosseguindo com essas comparações sugeridas pela gastronomia, poderíamos dizer que Varnhagen foi e continua a ser a peça de resistência de nossa refeição histórica, o assado sólido, gordo, apetitoso na sua simplicidade, pois é cozinhado à velha moda portuguesa, sem adubos nem temperos franceses, com um molho leal e nenhum acompanhamento. Dessa peça um artista menos escrupuloso ou mais destro corta uma lasca, condimenta-a, guarnece-a de túbaras e de cogumelos e apresenta um novo prato, menos substancial, porém grato ao paladar e falsamente leve para o estômago (LIMA, 1976; 668).*

---

<sup>6</sup> LIMA, Oliveira. *O Sr. Alfredo de Carvalho*. In: In. SOBRINHO, Barbosa Lima. *Oliveira Lima, obra seleta*. Rio de Janeiro: INL, 1976. p. 670

Creemos que Lima planejava em construir um tipo de interpretação global da formação da nacionalidade brasileira e essas manifestações eram certa demarcação do lugar do campo onde o autor pretendia se posicionar. Sem anular o esforço feito por Capistrano, Oliveira Lima parecia querer oferecer um tipo alternativo de história, que não necessitaria substituir a do autor cearense, já que Lima via, como já tentamos demonstrar, a possibilidade de que o mesmo momento da história fosse abordado de pontos de vistas distintos produzindo resultados igualmente válidos, ainda que diferentes. O autor pernambucano queria, supomos, reinar ao lado do cearense, com cada um representando um tipo de fazer histórico.

Do mesmo modo que podemos enxergar diferenças entre os autores, de resto bastante bem expostas pelo próprio Oliveira Lima nas citações acima, também podemos vê-los como parte do mesmo processo de ruptura lenta com os paradigmas vindos do século XIX. Ambos rejeitam os determinismos, por mais que ainda estejam influenciados por eles, ambos são céticos com as grandes explicações generalistas, ambos demonstram humildade diante da complexidade dos processos históricos.

Olhar para Oliveira Lima e Capistrano no início do século XX, vendo suas semelhanças e diferenças, é ver a riqueza das possibilidades do fazer histórico e a diversidade possível de abordagens. Também nos ajuda a desvencilhar-nos de interpretações que só veem a ruptura com a historiografia comprometida do século XIX a partir do ensaísmo dos anos 30.

### **Bibliografia:**

ALMEIDA, Paulo Roberto. *O Barão do Rio Branco e Oliveira Lima: Vidas Paralelas, Itinerários divergentes*. In. ALMINO, João; CARDIM, Carlos Henrique. *Rio Branco, a modernização e a América do Sul*. Rio de Janeiro: EMC, 1986.

LIMA, Oliveira. *Elogio a Varnhagen*. In. SOBRINHO, Barbosa Lima (org). *Obra Seleta de Oliveira Lima*. Rio de Janeiro, 1971, p. 531

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LIMA, Oliveira. *Elogio a Varnhagen*. Op.cit. p. 534. In. SOBRINHO, Barbosa Lima. *Oliveira Lima, obra seleta*. Rio de Janeiro: INL, 1976.



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

LIMA, Oliveira. *O Instituto Histórico do Rio de Janeiro*. In. SOBRINHO, Barbosa Lima. *Oliveira Lima, obra seleta*. Rio de Janeiro: INL, 1976. p. 667

LIMA, Oliveira. *O Sr. Alfredo de Carvalho*. In: In. SOBRINHO, Barbosa Lima. *Oliveira Lima, obra seleta*. Rio de Janeiro: INL, 1976. p. 670